

O desemparedamento para aprender em e sobre biomas: o dispositivo “espaços potenciais de aprendizagem” e o currículo de comunidade

Helder Henrique da Silva, *Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais*
Helder Henrique da Silva,
Centro Pedagógico/ Universidade Federal de Minas Gerais
hhs@ufmg.br

Vitória Bispo Umbelino,
Graduanda em licenciatura em Dança, bolsista de Programa de Imersão Docente *Centro Pedagógico/ Universidade Federal de Minas Gerais*
vitoriabispograduacao@gmail.com

Categoria: B

Palavras-chave: Educação ambiental, Comunidade de aprendizagem, Currículo de comunidade, Desemparedamento.

Resumo

Este estudo, realizado com a colaboração de mais de 50 estudantes, 7 educadores parceiros e familiares de estudantes interessados, tem como foco apresentar e discutir ações de desemparedamento para aprender em e sobre biomas por meio da criação do dispositivo “espaços potenciais de aprendizagem” para a elaboração o currículo de comunidade. As trocas de saberes conhecimentos dos currículos de subjetividade, corroboram evidências de que todo conhecimento é uma construção sociocultural com o outro. Observamos que as aprendizagens de sujeito quando coletivizadas como abertura para possibilidades de práticas escolares não homogeneizantes (Colares et cols., 2009). Os biomas, as cidades, as redes sociais, os lugares da comunidade escolar podem resultar num espaço de currículo de comunidade, de encontro com sujeitos históricos, na interlocução entre escola, comunidade e outras instituições.

A partir aportes construcionistas, sociointeracionistas e metacognitivas sobre a confecção do da conhecimento, podemos nos abrir para demandas de coletivos e aprendizagens automotivadas de seus participantes. A integração comunitária é, para Pacheco (2019) uma proposta de fomentar a escola como um espaço de desenvolvimento local sustentável. O currículo de comunidade se constitui como a produção de projetos feitos na coletivação dos saberes, da análise coletiva de demandas comunitárias e do espaço na geração de competências postas em ação. Daí entra o mapeamento de espaços potenciais de aprendizagens, dos biomas que nos cercam e como podemos conhece-os e preservá-los

De acordo com esta perspectiva, pode, então, definir uma perspectiva sociointeracionista de cultura em que “os indivíduos tanto são produto de uma cultura, quanto partilham de um conjunto de crenças, convicções mais ou menos inquestionáveis e ideologias sobre as quais existe um consenso generalizado, como são criadores de sentidos, quando modificam os significados que atribuem ao mundo e às situações envolventes, em função da possibilidade de que aqueles possuem de comunicar com outros e da autorreflexão subsequente que esse ato comunicativo comporta” (Cosme e Trindade, 2010, pp. 45-46).

Esse ato comunicativo constrói um currículo que perpassa o aluno, comunidade e os saberes necessários para a sua transformação humana.

Dentre as contribuições das pesquisas e estudos educacionais que vêm sendo desenvolvidos nos últimos anos, a organização dos tempos e espaços escolares tem suscitado reflexões em direção à ampliação de seus usos e possibilidades. Desse modo, Zanardi estabelece uma relação entre tempo integral como possibilidade de uma formação integral, como uma extensão do conhecimento ao cotidiano da vida. A importância da percepção do espaço e seu significado, os cuidados para sua preservação, a organização dos tempos formadores de maneira a contemplar as várias dimensões dos seres humanos têm sido alvo de inúmeras experiências pedagógicas. Cabe lembrar que o eixo dessas reflexões e experiências é a perspectiva de formação humana, com seus desafios cotidianos encarados como questões a serem investigadas – alvo de reflexão, análise e avaliação.

Essa perspectiva de formação reavalia o caráter meramente reprodutor dos conteúdos e traz à tona o redimensionamento de práticas educacionais em busca da função sociocultural da escola. Nesse sentido, a escola passa a atentar-se cada vez mais à diversidade de tempos e espaços socioculturais da comunidade escolar – familiares, vizinhos, estudantes, professores e professoras, funcionários e funcionárias – todos envolvidos no papel cultural de oportunizar a socialização e construção de identidades. Nesse sentido, o cotidiano escolar passa a reconhecer, como fundamentais para a formação humana, as vivências, os rituais e dispositivos de relação e de aprendizagem e de relacionamento que ocorrem tanto dentro da escola como em outras instituições ou espaços da cidade.

Assim estabelecemos uma investigação sobre os espaços potenciais de aprendizagem no Centro Pedagógico, colégio de aplicação que somos educadores, a partir da construção coletiva de valores, reunimo-nos para investigar os biomas, os lugares para aprender e as situações-problemas para o nosso aprendizado em comunidade. Os biomas estudados no *Campus* da Universidade Federal de Minas Gerais foram o Cerrado, segundo bioma do Brasil, considerado a savana mais rica do mundo, e a Mata Atlântica, quinto bioma mais ameaçado do mundo, com mais de 200 mil espécies de plantas na floresta, com apenas 8% da floresta original remanescente devido à ocupação humana. Essas aprendizagens nos permitiu uma aproximação à construção de habitats para uma futura construção de uma escola sustentável (Legan,2009).Como considerações, observamos que os estudantes se apropriaram do espaço como um lugar de reflexão, aprendizagem e aprimoramento. Construimos coletivamente lugares coletivos de encontro não nos limitamos ao uso da sala como espaço único para aprender e questionando esse espaço considerado como o melhor para se aprender.

Referências

Colares, M., Pacífico, J., Estrela, G. **Gestão Escolar: enfrentando os desafios cotidianos em escolas públicas**. Curitiba: Editora CRV, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2170-livro-unir-2009&Itemid=30192. Acesso em: 10 fev. 2021.

Cosme, Ariana, Trindade, Rui. ***Todas as aprendizagens são pessoais, mas ninguém aprende sozinho***. Pinhais: Editora Melo, 2010.

Legan, Lucia. **Criando habitats na escola sustentável: livro do educador**. GO: Ecocentro IPEC, 2009.

Pacheco, José. **Inovar é assumir um compromisso ético com a educação**. Petrópolis, Vozes, 2019.

Zanardi